

RESENHA

COSTURANDO UTOPIAS EM TEMPOS DE DISTOPIA: UMA LEITURA DE ANA RÜSCHE

VASCONCELOS, Adaylson Wagner Sousa de¹

Resenha do livro *Quimeras do agora: literatura, ecologia e imaginação política no Antropoceno*. São Paulo: Bandeirola Editora, 2025.

Em *Quimeras do agora: literatura, ecologia e imaginação política no Antropoceno*, publicado pela Bandeirola Editora em 2025, Ana Rüsché propõe uma reflexão que ultrapassa os limites convencionais do debate ambiental para mergulhar nas relações entre texto literário, crise planetária e possibilidades de ação coletiva. A obra, resultado de uma investigação rigorosa, não se limita a diagnosticar os impasses do presente: ela explora a capacidade da literatura de tensionar realidades, desmontar narrativas hegemônicas e abrir espaço para o inesperado. O livro se constrói a partir de uma escrita que oscila entre a análise teórica e a experiência sensível, entre o rigor acadêmico e a urgência do testemunho, revelando como a ficção pode ser um terreno fértil para a experimentação de ideias e para a reinvenção das formas de habitar o mundo.

Ana Rüsché se vale do conceito de Antropoceno não como mero rótulo, mas como ponto de partida para uma discussão profunda sobre as múltiplas temporalidades que atravessam o tempo presente. Ao recusar a linearidade histórica, a autora aponta para a sobreposição de

¹ Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. Doutor em Letras (UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil). Professor substituto (IFPB, Monteiro, Paraíba, Brasil). E-mail: awsvasconcelos@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5472-8879>.

passados coloniais, presentes devastadores e futuros incertos, sugerindo que a literatura é capaz de operar em diferentes registros temporais, tensionando a ideia de progresso e questionando a centralidade do humano. Esse movimento permite que o leitor perceba como as narrativas literárias não apenas refletem crises, mas também as antecipam, as reelaboram e, em certos casos, as transcendem. A obra, nesse sentido, não se contenta em ser uma mera análise crítica: ela se impõe como um convite à imaginação radical, à responsabilidade ética e à construção de novas formas de sensibilidade.

A escolha do termo “quimeras” não é casual. Ana Rüsche resgata a ambiguidade da palavra, que designa tanto o monstro mitológico quanto o desejo impossível, para discutir como a literatura lida com a tensão entre realismo e utopia. As quimeras do agora são os sonhos, as distopias, os projetos políticos e as fábulas que habitam o imaginário contemporâneo, enfrentando a crise climática não apenas como um fenômeno externo, mas como uma questão ética, estética e política. A autora argumenta que a ficção, longe de ser um simples espelho da realidade, é um campo de prova de ideias delirantes, um espaço onde se experimentam possibilidades, se testam limites e se constroem novas formas de sensibilidade. O que está em jogo, portanto, não é apenas a representação do mundo, mas a sua transformação.

Ao longo do livro, Ana Rüsche dialoga com uma constelação de autores, de Manuel Bandeira a Ursula K. Le Guin, de Euclides da Cunha a Donna Haraway, estabelecendo um diálogo fértil entre literatura, filosofia e ciência. Esse movimento de costura entre campos distintos revela a potência da literatura como espaço de experimentação de ideias, de provocações políticas e de reinvenção das formas de habitar o planeta. A autora demonstra como os textos literários podem desmontar narrativas hegemônicas, expondo as contradições e os silêncios que sustentam a destruição ambiental. O livro não se limita a denunciar: ele propõe uma leitura atenta dos horrores coloniais, da sistematicidade da violência e da dificuldade de narrar experiências extremas. Esse gesto crítico, que parte da análise de obras como *Frankenstein* e *Não Verás País Nenhum*, revela como a literatura pode ser um instrumento de resistência e de reinvenção política.

A ecocrítica, campo teórico no qual Ana Rüsche se insere, é abordada como uma ferramenta indispensável para pensar as relações entre humanos e não humanos, entre cultura e natureza, entre ficção e realidade. A autora argumenta que a literatura não é um refúgio diante da crise, mas um espaço de enfrentamento, de experimentação e de construção de novas formas de sensibilidade. Ao recorrer a autores como Greg Garrard, Cheryll Glotfelty e Gilles Deleuze, Ana Rüsche reforça a dimensão política da ecocrítica, demonstrando que a análise literária é

também uma intervenção no mundo. O livro, nesse sentido, não se restringe ao debate acadêmico: ele se dirige a um público amplo, convidando leitores a refletir sobre a responsabilidade coletiva diante da emergência climática e sobre o papel da imaginação na construção de futuros possíveis.

A escrita de Ana Rüsche se caracteriza pela fluidez e pela densidade conceitual. Seus argumentos são construídos com rigor teórico, mas sem perder de vista a potência da linguagem literária. O texto, embora crítico, não se fecha em si mesmo: ele se abre para o diálogo, para a dúvida, para a reinvenção. A autora demonstra como a literatura pode ser um espaço de experimentação política, de provocações éticas e de construção de novas formas de sensibilidade. O livro, portanto, não é apenas uma análise crítica: ele é uma experiência de leitura, um convite a pensar o presente e a imaginar futuros alternativos.

A discussão sobre o Antropoceno, em *Quimeras do agora*, é marcada pela recusa da simplificação. Ana Rüsche evita tanto o fatalismo quanto o otimismo ingênuo, insistindo na complexidade dos processos históricos e na necessidade de compreender a crise climática como resultado de uma série de escolhas e violências, muitas delas herdadas do passado colonial. Ao discutir o ecocídio, o negacionismo e os falsos consensos, a autora demonstra como a literatura pode desmontar narrativas hegemônicas, expondo as contradições e os silêncios que sustentam a destruição ambiental. O livro não se limita a denunciar: ele propõe uma leitura atenta dos horrores coloniais, da sistematicidade da violência e da dificuldade de narrar experiências extremas. Esse movimento crítico revela como a literatura pode ser um instrumento de resistência e de reinvenção política.

O livro também discute o papel do escritor diante da crise climática. Ana Rüsche argumenta que escrever sobre o tema é um desafio constante, pois a realidade muda tão rapidamente que até mesmo histórias escritas há poucos anos podem parecer ultrapassadas. A autora reconhece a complexidade dos temas abordados – clima, biodiversidade, geopolítica, história, sociologia, tecnologia – e defende a necessidade do trabalho coletivo entre escritores e pesquisadores. O texto, nesse sentido, não é apenas uma análise crítica: ele é uma intervenção política, uma convocação à responsabilidade e à solidariedade.

A análise de Ana Rüsche sobre a literatura ecológica é marcada pela recusa da abstração. Ela insiste na importância das experiências concretas, das vivências, dos territórios. A autora relata como suas próprias vivências influenciam diretamente sua escrita, especialmente as mudanças observadas no litoral norte de São Paulo. Esse vínculo com o território permite perceber a perda com mais nitidez, algo que, para ela, está no cerne da literatura ecológica. O

livro, portanto, não é apenas uma análise teórica: ele é atravessado pela experiência, pela dor, pela esperança.

A reflexão sobre a imaginação política é um dos pontos altos do livro. Ana Rüsche argumenta que a imobilidade da imaginação é o maior presente que podemos dar ao capital. A autora defende que a literatura, ao tensionar os limites do possível, pode abrir caminhos para a transformação social. O que está em jogo, portanto, não é apenas a representação do mundo, mas a sua reinvenção. O livro, nesse sentido, é uma convocação à imaginação ativa, à responsabilidade coletiva e à reflexão sobre o papel da literatura diante da crise climática.

A análise sobre a ecocrítica é marcada pela recusa do reducionismo. Ela argumenta que a literatura não se limita a retratar catástrofes, mas que pode abrir caminhos para a reflexão e para a construção de novas possibilidades de imaginar o futuro. A autora demonstra como a literatura pode ser um instrumento de resistência, de reinvenção política e de construção de novas formas de sensibilidade. O livro, portanto, não é apenas uma análise crítica: ele é uma experiência de leitura, um convite a pensar o presente e a imaginar futuros alternativos.

A escrita de Ana Rüsche se caracteriza pela densidade conceitual e pela fluidez narrativa. Seus argumentos são construídos com rigor teórico, mas sem perder de vista a potência da linguagem literária. O texto, embora crítico, não se fecha em si mesmo: ele se abre para o diálogo, para a dúvida, para a reinvenção. A autora demonstra como a literatura pode ser um espaço de experimentação política, de provocações éticas e de construção de novas formas de sensibilidade. O livro, portanto, não é apenas uma análise crítica: ele é uma experiência de leitura, um convite a pensar o presente e a imaginar futuros alternativos.

No conjunto, *Quimeras do agora: literatura, ecologia e imaginação política no Antropoceno* se apresenta como uma obra fundamental para quem deseja compreender as relações entre literatura, ecologia e imaginário político no Antropoceno. Ana Rüsche constrói uma análise crítica densa, articulada e humanizada, que não se furta a enfrentar os dilemas do nosso tempo. O livro é uma convocação à imaginação ativa, à responsabilidade coletiva e à reflexão sobre o papel da literatura diante da crise climática. Sua escrita, marcada pela fluidez, pela densidade conceitual e pela abertura ao diálogo, demonstra como a literatura pode ser um espaço de experimentação política, de provocações éticas e de construção de novas formas de sensibilidade. O que está em jogo, portanto, não é apenas a representação do mundo, mas a sua reinvenção.

REFERÊNCIA

RÜSCHE, A. *Quimeras do agora: literatura, ecologia e imaginação política no Antropoceno*. São Paulo: Bandeirola Editora, 2025.